

# CARTA AOS TRABALHADORES DA CIDADE

## **Companheiros e Companheiras,**

Nos dias 24 a 27 de julho, realizamos nosso 3º Congresso Nacional, em Brasília-DF, com a participação de 5 mil camponeses, vindos de 22 estados brasileiros.

Resolvemos escrever essa carta a todos vocês, trabalhadores e trabalhadoras da cidade, para compartilhar nossas preocupações e nossa vontade de lutar.

A maioria de vocês tem raízes no campo. Sabemos que, nos últimos 20 anos, mais de 30 milhões de brasileiros tiveram que deixar o interior e ir para as grandes cidades. Expulsos da terra. Sem perspectivas de trabalho, em busca de emprego e de alguma esperança de vida.

Diariamente esse drama se repete com novas famílias, expulsas pela cerca do latifúndio.

Nós somos os teimosos que insistem em lutar para permanecer no campo. Acreditamos que é possível construir um Brasil melhor. Um país onde o povo tenha casa, comida, trabalho, salário digno, escola e saúde acessível para todos e de boa qualidade. Como vocês, queremos um Brasil alegre e festivo, praticando os valores de democracia, de justiça social e de igualdade.

Repudiamos esse modelo sócio-econômico que nos é imposto pelos países imperialistas e por uma elite gananciosa de riqueza e poder. Como aceitar uma política que está levando milhares de crianças às ruas, sucateando nossas escolas e hospitais, promovendo arrocho salarial e desemprego e entregando nossas riquezas aos grandes grupos econômicos?

Ao contrário do que diz a propaganda do governo, a pobreza em nosso país está crescendo com a essa política neoliberal.

Basta olhar para as ruas e para a situação da agricultura e constatar essa verdade.

## **Nós achamos que para mudar essa situação é necessário iniciar com a reforma agrária!**

Nenhum país do mundo se desenvolveu sem antes fazer a reforma agrária. Em nosso país, os governos sempre representaram os interesses dos grupos econômicos e multinacionais, e a reforma agrária nunca foi feita. Para essa elite não há necessidade de se promover mudanças no Brasil. Ela já é dona das terras, da riqueza e do poder.

Os grandes proprietários rurais representam menos de 1%, mas possuem 46% de todas as terras do país. Somente os bancos e empresas multinacionais detêm mais de 30 milhões de hectares. Uma área do tamanho do estado de São Paulo e suficiente para assentar 2 milhões de famílias. E por que essas empresas possuem tanta terra, se não dependem da agricultura?

Uma família de trabalhadores rurais necessita apenas de 15 ou 20 hectares para sobreviver na agricultura. Por isso, basta que o governo desaproprie os latifúndios maiores de mil hectares, para que haja terra para todos os brasileiros. E com essa medida, teríamos mais 75 milhões de novos hectares para produção de alimentos. Hoje, por causa da concentração das terras em mãos de latifundiários, apenas 45 milhões de hectares são destinados à produção de alimentos e há 4,8 milhões de famílias de sem terras querendo trabalhar.

Com a melhor distribuição das terras teremos trabalho, construiremos nossas casas e escolas, nos fixaremos no campo, contribuindo para o desenvolvimento mais justo do nosso país.

E com esse desenvolvimento rural, ajudaremos a melhorar as condições de vida também na cidade. Haverá uma maior oferta de alimentos, menos gente buscando empregos, mais famílias do campo consumindo bens produzidos pelas indústrias e um fortalecimento econômico das pequenas cidades do interior. Conseqüentemente, diminuiria a marginalidade e a violência urbana que hoje tanto preocupam.

## **Companheiros e companheiras, nós acreditamos no sonho de um Brasil melhor!**

Por isso, continuaremos ocupando latifúndios, secretarias de agricultura, Incra. Fazendo passeatas e manifestações públicas para denunciar essa situação. Em dez anos de luta, conseguimos assentar 130 mil famílias. Que agora vivem bem, estão produzindo e ajudando a combater a fome de muito mais gente.

Mas nossa força não é suficiente. Queremos que vocês da cidade nos ajudem e participem de nossa luta. A reforma agrária será uma conquista de todos. Precisa ser UMA LUTA DE TODOS.

Da mesma forma, reafirmamos o compromisso de participar nas lutas de vocês. Queremos participar ativamente nas lutas por salário, mais emprego, por condições dignas de vida e pelos direitos sociais para toda a classe trabalhadora. Contem conosco!

Do nosso 3º Congresso Nacional lançamos esse grito de solidariedade, de união. Unidos, trabalhadores do campo e da cidade, enfrentaremos esse governo, sua política neoliberal e essa situação de injustiça social existente no Brasil. Juntos, teremos força suficiente para construirmos o Brasil dos nossos sonhos. O Brasil que orgulhosamente poderemos deixar aos nossos filhos.

# CARTA DE BRASÍLIA AOS TRABALHADORES DO CAMPO

Durante quatro dias, de 24 a 27 de julho, estivemos reunidos aqui em Brasília, 5 mil trabalhadores, vindos de 22 estados, de centenas de municípios, de todos os acampamentos e assentamentos do Brasil.

Discutimos a situação da reforma agrária no Brasil, apresentamos nossa pauta de reivindicações ao Governo. Realizamos caminhadas, fizemos muitas discussões, e saímos daqui ainda mais animados para continuar a luta pela reforma agrária. Porque, sem lutar, sem nos organizarmos, nada conseguiremos.

Por isso, resolvemos escrever essa carta a cada um de vocês, que não puderam vir a Brasília, para dizer-lhes:

Quando perguntarem quem são os trabalhadores sem-terra, digam: somos os filhos da terra. Homens, mulheres e crianças, que lutam e sonham para que todos tenham terra. Não temos ainda o direito à terra, pela força do arame. Da cerca. Pela surda força do dinheiro. Somos homens e mulheres de paz. Somos a mão humana que fecunda a Terra. Somos aqueles que há anos aprendemos a ouvir o labor da semente. Lemos na caligrafia dos ventos e das estações, o tempo de plantar e de colher. Somos os que conhecem a flor e o fruto. Somos testemunhas do poderoso ciclo da vida. Por isso somos teimosos. Sabemos que o trabalho de nossas mãos brotam, desde as nascentes das gerações, a multiplicação das espigas. Por isso, quando perguntarem por nós, digam: no país das imensas terras ociosas, somos aqueles que se recusam a aceitar a cerca, os moirões. Que não aceitam que o gado tenha prioridade sobre o homem.

Nos acampamentos e nas terras conquistadas, aprendemos que a Terra é a nossa paz. Aprendemos que quando um homem, uma mulher, um grupo de homens e mulheres, milhares de homens e mulheres e crianças, naquelas horas de sombra indefiníveis, quando já não distinguimos se alba e noite, se já é madrugada, concentram toda a força dos excluídos nas mãos. Toda a força desse primitivo impulso de justiça que nos alimenta, toda a força do sonho nas mãos. Toda a força da classe nas mãos e o alicate morde o fio e o arame estala como a corda de um violino e a cerca vem abaixo. Nós seremos vitoriosos.

Não importa se depois dessa cerca outras se levantarão: as cercas da polícia — ou das milícias privadas —, as cercas do judiciário, tão distante da Justiça... as cercas da mentira dos meios de comunicação. A cerca do governo, do neoliberalismo. É verdade que quando derrubamos a cerca de um latifúndio, não cai com ela o Estado brasileiro. Mas é verdade também que cada vez que caem cercas, a sociedade é obrigada a olhar-se e a enxergar com olhos da consciência, o tamanho das desigualdades. O tamanho da opulência e da miséria, o tamanho da fartura e da fome, o tamanho da hipocrisia.

O Movimento dos Sem Terra, nossa organização, é esse sinal de contradição e de indignação. É quem lança ao povo, a cada mobilização que realiza, o desafio de enfrentar com radicalidade uma situação de injustiças radicais. Golpeamos um dos alicerces fundamentais da injustiça na sociedade brasileira: o monopólio da terra. Buscamos hoje caminhos alternativos para fazer produzir a terra conquistada: a valorização da produção familiar, das cooperativas, das associações e da socialização e dos bens que produzimos. Com eficácia reinventamos políticas de combate à pobreza, à fome, à miséria, ao desemprego. Porque são ações políticas, participativas, democráticas, populares!

O povo brasileiro quer combater a fome. O povo brasileiro quer distribuição de renda, de terra. O povo brasileiro quer empregos, salários dignos. O Brasil quer que os homens e mulheres da terra reconquistem a terra para produzir o pão que hoje falta na boca de milhões. Faremos caravanas. Faremos ocupações. Sabemos que as elites brasileiras não compreendem outra linguagem. Sabemos que só temos o direito de participar se lutarmos para participar. E é por isso que em muitos lugares, muitos companheiros regaram com sangue o desejo de ter direito.

Mas a esperança nunca nos faltou. E é isso que assusta os poderosos. Nós não temos nada a perder. Temos tudo a ganhar. Sonhamos com a terra dividida. Para todos. Sonhamos com um Brasil justo. Sem exploração. Sonhamos com uma pátria soberana. Sem humilhação. Sonhamos em não ver mais ninguém passando fome, procurando emprego, trabalho, casa, escola.

Por isso, aqui de Brasília, fazemos um apelo. Companheiro, chegou a nossa hora, nossa vez. Vamos nos organizar. Vamos nos juntar com os vizinhos. Vamos fazer caminhadas, assembléias, ocupações. Vamos lutar por uma verdadeira reforma agrária. Vamos lutar para que todos tenham terra.

**Reforma Agrária: uma luta de todos!**

3º Congresso Nacional do MST

Brasília, 25 de julho de 1995

